

## A permuta das Curuminhas

Alex Franco

[Artista gráfico]



Seu Diogo, em 1965 com legítimos representantes de nossos povos originários

Continuo me alimentando de referências da velha infância, segue mais uma história antiga que me serve para reflexões nos dias de hoje. Esta ocorreu em 1965, meu pai havia sido demitido, o que criou um clima muito tenso em nossa casa, incerteza e insegurança quanto ao futuro da família, embora muito criança (6 ou 7 anos) senti profundamente este fato. Ocorre que seu Diogo, foi sempre um guerreiro e, para complementar a renda familiar, desenvolveu habilidades fotográficas. Fazia bicos em casamentos, batizados e aniversários obtendo um dinheirinho extra com sua Rolleiflex. Por conta deste fato, foi convidado a participar de uma ação de marketing da Mercedes Benz. Isto lhe proporcionaria, além da remuneração pelo serviço fotográfico, cobrindo a ação, ganhar seu emprego de volta na própria montadora. A ação se destinava ao lançamento de um novo modelo de caminhão e consistia na realização de quatro caravanas, cada uma dirigida a uma região brasileira (Norte, Sul, Centro-Oeste e Nordeste), cada uma caracterizada com uma das cores da bandeira brasileira. Propaganda *pseudo* nacionalista que escancarava total adesão da empresa ao plano de “integração nacional”, mote publicitário dos militares no poder. Ele foi então escalado na caravana verde, a que se deslocaria ao norte do Brasil, mais precisamente à famosa Belém do Pará. Viajou pela recém inaugurada e muito propagandeada rodovia Belém-Brasília que, cá entre nós e segundo relatos dele próprio, era apenas uma “picada maquiada”, verdadeira aventura. Pra não dizer que não falei de flores, tenho boas recordações desse evento. Embora não saiba hoje precisar o quanto durou a epopeia, houve tempo suficiente para recebermos algumas cartas que ele enviava à família. Lembro da sensação prazerosa de ouvir minha mãe lendo suas narrativas, um jeep quebrado na estrada, paisagens incríveis, mangueiras pelas ruas de Belém, a cidade onde se marcavam encontros após a chuva. Mas o que mais me atraía e deixava ansioso era saber sobre os indígenas, tinha muita curiosidade sobre o tema, sabia que ele teria contato com eles e ficava imaginando sobre como teria sido o encontro dos portugueses com esses povos na época do “descobrimento”, tinha referências de nossos povos originários (segura essa Weintraub), apenas pela escola primária e algumas

páginas de enciclopédias de banca de jornal. Eu tinha até encomendado um arco e flexa como “souvenir” de viagem e minha ansiedade aumentou ainda mais, quando soube por uma das cartas que ele já os havia comprado. Minha visão romântica desmoronou quando meu pai voltou, a descrição que fez sobre a vida dos índios, era bem diferente das narrativas e ilustrações dos livros didáticos. Populações marginalizadas, eles se vestiam com roupas de homens brancos e viviam em extrema pobreza nas periferias das cidades. A imagem piorou ainda mais quando chegaram as primeiras fotos da viagem. Imagens que escancaravam o triste cotidiano de um povo marginalizado. Porém uma outra coisa me vem à mente hoje, a atitude das gentes de minha infância (parentes e amigos dos pais) a respeito dos nativos genuinamente brasileiros, uma mistura de piedade e soberba, um sentimento de superioridade em relação a eles, leitura que não só persiste hoje em muita gente, como vem ganhando força nestes tempos de obscurantismo cultural. Acredito que tenha sido este sentimento que levou meu pai a fazer uma proposta indecente ao cacique da tribo que visitara. Ele acabara de ser pai de uma menina, Seu Diogo se compadeceu da situação precária em que a comunidade vivia e se ofereceu para adotar a recém nascida, prometeu ao pai da criança dar a ela aquilo que considerava uma vida digna na cidade, longe das agruras pelas quais, segundo sua visão, ela certamente iria passar. Ainda que cheio de boas intenções, seu Diogo teve o comportamento típico de um colonizador, agiu como se o modelo de civilização europeu fosse uma espécie de padrão a ser seguido. Eis que a sabedoria de um povo capaz de cultivar a empatia surge na resposta do cacique, algo como: “pode levar minha filha se você acha que isso fará bem a ela, porém você tem que prometer que vai voltar aqui e me trazer a sua menina (minha irmã, então com quatro anos), para que eu a crie conforme nossos costumes”. Levou muito tempo até que eu entendesse a sutileza desta resposta. Salve a maravilhosa máquina humana, capaz de reter por anos e anos, fatos capazes de nos fazer repensar sobre valores existenciais. Todo dia é dia de Índio, Todo dia é dia de SER humano. ■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*